

DEUS CRIOU O MUNDO: O jardim de Deus, terra que produz, gente sem fome.

Luiz Longuini¹

E tudo que Deus fez é bom! A narrativa bíblica se inicia no livro do Gênesis em um jardim, e termina no livro do Apocalipse em uma cidade. Esse conflito campo/cidade perpassa a história bíblica. Perpassa as nossas vidas e está presente hoje em nosso debate teológico.

Pensar, refletir, escrever, mostrar caminhos sobre uma teologia da criação é afirmar, acima de tudo, uma forte crença. Crença em várias maneiras de crer na criação, suas formas e origens, seus evolucionismos e criacionismos, mas acima de tudo, a maneira como cuidamos desse jardim que é a nossa casa, nosso mundo. Como produzimos? Como agimos para que não haja gente com fome nesse mundo?

A pandemia que se instalou em nosso mundo há mais de um ano nos levou a refletir seriamente sobre uma nova teologia da criação. O tema desse número, quando pensado, não vislumbrava a chegada desta pandemia, mas hoje se impõe como uma realidade candente. E como nunca, também a questão do cuidado e da fome que assola nesses dias quase 120 milhões de brasileiros/as. Haverá comida para tanta gente?

Se tomamos como pressuposto cristão, com base na tradição judaica, o compromisso com a história bíblica, revivida à luz de Jesus de Nazaré, então a leitura atenta do criterioso artigo sobre o ano do jubileu de Uverland Barros nos coloca diante de uma salutar teologia da terra e em uma compreensão correta do que foi a vida de Jesus e seu amor, de maneira especial pelos pobres e despossuídos e em sentido geral expulsos do jardim. Exegetas e hermeneutas bíblicos afirmam que uma das principais razões da crucificação Jesus foi o fato de que as autoridades religiosas judaicas, em boa medida latifundiários e com posses de imensas quantidades de terra, entenderam muito bem a mensagem de Jesus, exarada na sinagoga de Nazaré, tendo como base o livro do profeta Isaías: Eu vim apregoar o ano aceitável do Senhor. Esse era ano do jubileu. O ano em que todas as dívidas deveriam ser perdoadas, os escravos libertos, as terras devolvidas aos seus donos originais ou aos seus herdeiros.

¹ Teólogo reformado. Filósofo. Mestre e Doutor em Ciências da Religião. É o editor da Revista Faces-Teologia.

Na legislação de Israel, o jardim de Deus não tinha dono, não havia concentração de riquezas e nem de terras nas mãos de uns poucos, a ganância humana pelo lucro e pelo dinheiro estava controlada. Deus descansou no sétimo dia. A terra também precisa descansar. É dessa maneira que devemos compreender a criação com um sistema aberto, esse jardim criado por Deus recebe a tudo e a todos.

Hoje a reflexão mais contundente sobre a teologia da criação é feita pelo teólogo reformado, professor aposentado da Universidade de Tübingen, na Alemanha, doutor Jürgen Moltmann. Levy Bastos é hoje no Brasil a maior autoridade em teologia moltmaniana, que nos brinda com um artigo sobre a referida teologia. Resgata para nós o pensamento desse ilustre teólogo alemão ao nos mostrar a responsabilidade que cristãos/ãs tem para com esse mundo que se tornou a nossa casa. E o faz mostrando como a criação, no pensamento de Moltmann é um sistema aberto em que *“história passa a ser escrita por nós. Nós mesmos tornamo-nos história”*. E nesse sentido, recupera-se a teologia que atesta que Deus criou e continua criando. Para Moltmann, assim como para o reformador genebrino João Calvino, de onde provém na tradição da teologia reformada, a natureza é o espelho da glória de Deus e o mundo é um teatro onde Deus atua.

No jardim de Deus não pode haver nem ricos e nem pobres. É um jardim onde cabe todas as pessoas. Mas como reconquistar esse jardim? Reside em nosso coração a saudade do paraíso. Esse lugar para o qual queremos voltar e onde nunca estivemos. A saudade do paraíso é a saudade de comunhão, é o desejo da fraternidade e da sororidade, e nesse sentido nos desafia o artigo de Cláudia Salles ao colocar diante de nós as novas pautas hermenêuticas para não só ler, mas também viver essa santa comunhão no jardim outrora perdido. Nesse jardim de Deus não há concentração de riquezas nas mãos de uns poucos. Também não deve haver concentração de poder nas mãos de uns poucos. Não deve haver exploração de outro ser humano só pelo fato dele ser de outro gênero, ser criança, ser órfão, viúva ou estrangeiro. Vejam como a legislação do antigo Israel é maravilhosa, prática, moralmente responsável e eticamente virtuosa. É preciso reler as escrituras com essa nova ótica, reler as escrituras, reler o mundo, reler as relações sociais, reler a vida.

Sandro Xavier aprofunda a dimensão de uma releitura ativa, com seu cuidadoso artigo em que propõe uma volta às fontes reformadas do século XVI e mostra como João Calvino era mais progressista, moderno e relevante que muitos teólogos do nosso tempo.

Xavier faz um resgate histórico extremamente importante e o faz de maneira crítica e atualizada. O método usado por Xavier mostra-se também, não só um desafio, mas um método. É preciso que recuperemos as fontes da teologia cristã e nessa recuperação façamos uma releitura radical, que volta às suas raízes. Rer as Escrituras Sagradas, os pais apostólicos, os pais da Igreja, teólogos e filósofos do medievo, reformadores, teólogos da neo-ortodoxia e, ao ler os contemporâneos, fazê-lo também de maneira radical. Toda leitura e releitura é feita com os pés no chão, lemos de onde nossos pés se assentam. E nesse sentido, é preciso respeitar as nossas matrizes confessionais, respeitar as nossas famílias religiosas e realizar um grande mutirão de homens e mulheres de boa vontade para construir uma relação harmoniosa na habitação do jardim de Deus e de mulheres e homens, bem como a natureza com tudo que ela contempla.

E como pensar que esse mundo de Deus, lugar onde terra para todos, pode ser um lugar que produz tanta comida e tanta coisa bonita, que não haverá mais gente com fome? Irênio Chaves nos mostra incisivamente que o cuidado para com esse jardim é fundamental, afinal somos mordomos, administradores de tudo que foi criado. E houve algo concreto? Como pensar em questões práticas? Entre o cajado e a enxada é um presente que Cláudio nos traz. Resgata o trabalho de um teólogo brasileiro: João Dias de Araújo que, ao formular uma teologia da terra, não só o fez com as bases bíblicas e com os referenciais teóricos necessários, mas o fez com o pé no chão, caminhando com o povo sofrido e empobrecido do sertão baiano, para não só socorrer, até às barras dos tribunais, mas também prover formação e ajudar na luta pela preservação e conquista da terra. A formulação do excelente artigo formula, dentre outras, a seguinte questão:

“Assim sendo, interessa-me refletir o fazer teológico do Rev. João Dias de Araújo entre o cajado e a enxada. Ora, o que desejou um pastor presbiteriano no nordeste brasileiro caminhar com camponeses e camponesas numa atuação pastoral que não era de missão proselitista?”

O pensar teológico, sua tarefa, suas exigências e seus pressupostos nos coloca diante do fato de que é necessário também estudar sobre a teologia ecumênica. Estudar e pesquisar não só para estabelecer uma epistemologia, mas para aprofundar e nos levar ao concreto de um diálogo que precisa ser frutífero e respeitoso. A teologia no Brasil e na América Latina sempre “consumiu” a teologia que é produzida na Europa, e em muitos casos com todos os desvios e deturpações que recebe nos Estados Unidos da América do Norte.

Hoje o diálogo teológico ecumênico precisa respeitar e reconhecer o valor da teologia que se produz no chamado “terceiro mundo”: América Latina, Ásia e África. São nesses países empobrecidos, marginalizados, explorados que nasce uma teologia consequente, relevante, contextual. São nesses contextos que temas como a fome, pobreza, injustiça, violência, dentre outros, se tornam não só método, mas critério para a reflexão e ação de teólogos/as. Cláudio Carvalhaes, teólogo brasileiro que é professor no Seminário União de Nova Iorque, nos dá um presente maravilhoso com seu artigo, em inglês, sobre as realidades litúrgicas da Semana Santa. Rudolf Von Sinner aprofunda as perspectivas desse diálogo com seu belo artigo sobre Contribuições ecumênicas de Dietrich Ritschl (1929-2018) e afirma:

“A teologia se confirma na ecumene do mundo e na prática da igreja. Teologia é, certamente, um jogo de palavras, mas nele transparece um interesse genuíno pela seriedade da vida concreta e pelas profundezas do Divino.”

É nosso intento em todas as revistas fazermos a publicação de documentos históricos. Nesse número publicamos A Carta da Terra. Qual é nosso objetivo ao fazer essa publicação? Primeiramente é resgatar documentos, que de uma maneira ou outra, foram esquecidos. Também desejamos que essa publicação venha sempre acompanhada de uma introdução que contextualiza, explica e mostre a relevância deste, e por derradeiro que a publicação enseje um processo atual de reflexão. Nesse caso específico, vejo como uma ação extremamente salutar que as faculdades de teologia tivessem em suas grades curriculares o estudo da CARTA DA TERRA. Esse estudo levaria os docentes a uma redescoberta da teologia da criação, uma ressignificação das questões ecológicas e uma abertura para um diálogo mundial, cujos pressupostos balizam a preocupação com a nossa casa maior: o mundo criado à imagem e semelhança de Deus.

A resenha indica um livro que é texto base e leitura obrigatória sobre o tema desta revista. É assim que desejamos uma grande aventura de pesquisa, produção e um fazer teológico em terras brasileiras que promova não só libertação, mas também inclusão social.